



UM OLHAR ACERCA DA ATUAÇÃO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL NO NORDESTE BRASILEIRO

A look at the performance of the neocatechumenal way in the Northeast Brazil

Genisson Melo dos Santos¹

Resumo:

O Caminho Neocatecumenal desponta no atual cenário religioso brasileiro como um itinerário de formação cristã que promove, de modo particular, transformações sensíveis na rotina e estética das paróquias onde se reúne na forma de pequenas comunidades. O presente artigo pretende analisar a presença desse movimento no nordeste brasileiro, questionando o processo de transplantação de seu ideário estético e litúrgico particular em detrimento de uma proposta de Igreja pós-Conciliar que enfatizaria a inserção de elementos locais e populares no processo de inculturação litúrgica. Ressaltará a disputa hermenêutica entre as forças conservadoras e progressistas no período pós-conciliar, apontando para o surgimento dos Novos Movimentos Eclesiais como fenômeno marcado pela ambiguidade de grupos que, ao mesmo tempo em que se permitem o enquadramento institucional, movem-se com relativa autonomia, desafiando os modelos polarizados de entendimento do processo de recepção e implementação das diretrizes conciliares. Por fim, buscará compreender o papel institucional do grupo no cenário católico brasileiro, cujo ideário de renovação eclesial idealizado pelo Concílio Vaticano II tem sido paulatinamente redirecionado.

Palavras-chave:

Caminho Neocatecumenal; Concílio Vaticano II; Liturgia; Inculturação.

Abstract:

The Neocatechumenal Way emerges in the current Brazilian religious scene as an itinerary of Christian formation that promotes, in a particular way, sensitive changes in the routine and aesthetics of the parishes where it meets in the form of small communities. This article intends to analyze the presence of this movement in northeastern Brazil, questioning the process of transplanting its particular aesthetic and liturgical ideals to the detriment of a post-Conciliar Church proposal that would emphasize the insertion of local and popular elements in the process of liturgical inculturation. It will highlight the hermeneutic dispute between conservative and progressive forces in the post-conciliar period, pointing to the emergence of the New Ecclesial Movements as phenomenon marked by the ambiguity of groups that at the same time allow themselves to the institutional framework, move with relative autonomy, challenging the polarized models of understanding the process of receiving and implementing the conciliar guidelines. Finally, it will seek to understand the institutional role of the group in the Brazilian Catholic scenario, whose ideals of ecclesial renewal idealized by the Second Vatican Council have been gradually redirected.

Keywords:

Neocatechumenal Way; Second Vatican Council; Liturgy; Inculturation.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (2012) e mestre em Ciências da Religião pela mesma universidade (2019).

Introdução

O Caminho Neocatecumenal é definido como um itinerário progressivo de formação cristã. Sua origem encontra-se na experiência do pintor espanhol Francisco José Gómez-Arguello Wirtz, mais conhecido como Kiko Arguello (1939), entre os pobres das favelas de Palomeras Altas em Madri, no ano de 1964. Esse itinerário catequético contou, inicialmente, com a colaboração da licenciada em Química e missionária espanhola Carmen Hernández (1930-2016) e o apoio do então arcebispo de Madri Casimiro Morcillo (1904-1971), que se impressionou com a experiência comunitária animando os iniciadores do Caminho Neocatecumenal a levar aquela experiência de iniciação à vida cristã às paróquias da Espanha. No ano de 1968, a dupla Kiko e Carmen se estabeleceu em Roma a convite de Dom Dino Torreggiani (1905-1983), que havia entrado em contato com as catequeses de Kiko em Ávila entre os anos de 1966 e 1967, escolheu para viver as favelas do Borghetto Latino. Kiko e Carmen estabeleceram o itinerário catequético na paróquia Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento e Santos Mártires Canadenses e, no ano de 1970, passaram a contar com o apoio do sacerdote italiano Mario Pezzi (1941). O experimento catequético surgido nos barracos do subúrbio de Madri antecipou várias das diretrizes do catecumenato² proposto pelo Concílio Vaticano II, implementado de maneira normativa somente no ano de 1972, com a publicação do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos - RICA*³. A afirmação da importância da iniciação cristã proposta pela Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* insere o Caminho Neocatecumenal no conjunto das forças renovadoras da Igreja Católica pós-Concílio Vaticano II, ao que se denomina hoje *Nova Evangelização*. Esse termo encontra sua origem inicialmente na inquietação do papa Paulo VI (1897-1978) em fortalecer ou avivar a fé daqueles que, por conta da crescente descristianização da sociedade contemporânea, recebiam o batismo, mas viviam indiferentes à vida cristã, ou seja, uma reação da Igreja à secularização, entendida aqui como “abandono, redução, subtração do status religioso; [...] defecção, uma perda para a religião e emancipação em relação a ela” (PIERUCCI, 1998, p. 50). Segundo Díaz (2002), o surgimento dos catequistas itinerantes, no início da década de 1970, foi responsável por difundir o Caminho Neocatecumenal em diversos países da Europa e América. Embora o pontificado de Paulo VI tenha favorecido as atividades do Caminho Neocatecumenal, foi sob o papa João Paulo II (1920-2005) quem contribuiu para o amplo reconhecimento e institucionalização do mesmo, inclusive pedindo para que a equipe responsável acelerasse o processo de elaboração do seu Estatuto, o que conferiria finalmente um reconhecimento jurídico ao itinerário (DÍAZ, 2002, p. 726). O Estatuto Oficial do Caminho Neocatecumenal foi aprovado em definitivo no ano de 2008, sob o então papa Bento XVI.

² Processo de instrução e aprendizado, onde se transmitia a doutrina cristã e se aprofundava a fé, consistindo de elementos vinculados à oração, celebrações litúrgicas, ritos, exercícios de vida cristã, acompanhamento pessoal que buscava tocar toda a existência do indivíduo (LIMA, 2016, p. 258).

³ O Ritual de Iniciação Cristã de adultos (RICA) foi elaborado pela Igreja Católica no ano de 1972 e apresenta a forma típica do ritual completo da Iniciação Cristã no primeiro capítulo, ritos do catecumenato em torno de suas etapas. Como o modo ordinário de iniciar um adulto, o qual se acha subdividido em quatro tempos de formação: pré-catecumenato, catecumenato, iluminação e mistagogia. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/ritual-de-iniciacao-a-vida-crista-de-adultos-rica-inspirou-a-tematica-da-55a-assembleia-geral-da-cnbb/>>. Acesso em: 01/05/2020.

A primeira comunidade neocatecumenal do Brasil se formou em 1974, na Catedral do Divino Espírito Santo, em Umuarama, no Paraná. Posteriormente, difundiu-se a convite de bispos e presbíteros de outros estados, de modo que, após 50 anos, este percurso de iniciação cristã está presente em 100 dioceses, entre elas as Arquidioceses de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Belém do Pará, cuja presença é mais expressiva, contabilizando 1.800 comunidades presentes em 500 paróquias⁴ ao redor do Brasil. As comunidades neocatecumenais organizam-se nas paróquias, com a concessão do pároco local, na forma de pequenas comunidades. As ações do Caminho Neocatecumenal impactam o cotidiano de diversas paróquias ao redor do mundo, por meio de transformações estéticas, litúrgicas e eclesiológicas que não se podem desprezar, estando de modo marcante relacionadas à dinâmica de mudanças advindas do pós-Concílio Vaticano II, ressaltadas por João Décio Passos (2014), em que o ineditismo e ousadia das reflexões teológicas e das práticas eclesiais se desenvolveram (PASSOS, 2014, p. 51).

Apesar de definir-se simplesmente enquanto “itinerário de formação católica, válida para a sociedade e para os tempos de hoje” (NEOCATECHUMENALE ITER STATUTA Art. 1º §1º, 2009, p. 17) e rejeitar, ao menos do ponto de vista formal, assumir a identidade de associação, movimento ou agrupamento de pessoas que estabelecem entre elas algum tipo de vínculo formal para alcançar determinados objetivos na Igreja (VICENTE, 1998, p. 36), não se pode negar que, na prática, as atividades do itinerário vão muito além de oferecer apenas uma dentre as múltiplas possibilidades de se trabalhar o *RICA*. Este novo movimento eclesial tem caminhado no sentido de criar modelos associativos novos e espaços celebrativos com o claro objetivo de comportar as atividades das pequenas comunidades que se reúnem de maneira independente ao longo da semana para as catequeses, bem como possui a necessidade de um templo maior, onde as mesmas possam celebrar juntas a liturgia dominical (MELO, 2010, p. 1098-1099). Para Maria Diéguez Melo (2010) o Caminho Neocatecumenal traz consigo a mais relevante inovação do Concílio, que é a ênfase em se criar um nexos entre a linguagem verbo-sacramental e o figurativo.

Trata-se de criar uma linguagem figurativa partindo dos ritos formalizados (linguagem figurativa dos símbolos e dos sacramentos), dos comportamentos (linguagem figurativa do corpo e das interações do grupo) e das arquiteturas (linguagem figurativa dos espaços e, dos sinais e da iconografia) para assim articular um projeto moderno de espaço litúrgico (MELO, 2010, p. 1097, tradução nossa).

Assim sendo, o Caminho Neocatecumenal trabalha a globalidade da renovação litúrgica da Igreja proposta pelo Concílio Vaticano II, afetando radicalmente a maneira que as estruturas das paróquias se organizam, de modo que estas se insiram em um projeto moderno que visa oferecer um ambiente propício às atividades e definições teológicas próprias do movimento.

Neocolonialismo Litúrgico Neocatecumenal

Ao refletir sobre o carisma que brotou do Concílio, João Décio Passos (2014) põe em relevo as disputas pela hegemonia na interpretação e emprego adequado das novidades conciliares. Distinguiu essas forças em três frentes: a força *de renovação*, a *força de conservação* e a *força de superação*. Adotando a maneira tipicamente weberiana de estabelecer modelos, o autor divide essas tendências em três diferentes *lócus* onde a *força de conservação* é representada pela estrutura da Cúria e Magistério da Igreja, que se definem como instâncias últimas de controle da compreensão do significado oficial das definições conciliares, a *força de renovação* representaria as Igrejas locais, que inspiradas nas novidades teológicas que eclodiram no pós-Concílio, procurou colocar-se em diálogo estreito com os seus próprios contextos e situações concretas dos diversos

⁴ Esses números estão apresentados em um artigo sobre a história do itinerário em terras brasileiras, no site oficial do Caminho Neocatecumenal no Brasil. Disponível em: <<http://www.cn.org.br/?p=4318>>. Acesso em: 01/05/2020.

povos e a *força de superação* que, seguindo a cadência da própria História, desafiam ambas as forças anteriormente citadas a atualizarem as suas propostas e práticas de modo permanente. Esses modelos não são isolados um do outro, mas se misturam e se relacionam, segundo o autor, através de oposições, construção de paralelismos e negociações (PASSOS, 2014, p. 28-29). Trata-se de uma pluralidade que já não se resume apenas à pluralidade religiosa ou cristã no mundo, mas pluralidade interna da própria instituição católica e da maneira com que os diferentes grupos interpretam e implementam a renovação da Igreja pós-Vaticano II com base nos documentos oficiais. Se por um lado tende-se a estabelecer o modelo dicotômico de avaliação da luta pela afirmação da hermenêutica correta das disposições conciliares entre as correntes renovadoras e conservadoras, de outro os *Novos Movimentos Eclesiais*, incluindo-se o Caminho Neocatecumenal, eclodem no meio dessas disputas como uma terceira via que mescla elementos de ambas as vertentes, resultado da síntese oriunda do processo de negociação entre os grupos e o poder centralizador da Cúria romana. O Caminho Neocatecumenal utiliza-se de uma linguagem que em certo sentido é renovadora, buscando adaptar em linguagem atual o antigo modelo de iniciação mistagógica da Igreja pré-nicena. No entanto, mostra-se intransigente em relação às culturas nas quais se insere, com uma rigidez institucional interna que não dialoga adequadamente com os modos de ser igreja dos diferentes lugares em que atua, assumindo posturas semelhantes ao colonialismo litúrgico já consagrado pela instituição romana, propondo uma linguagem estética uniformizada, ainda que sob a convicção de que não propõe algo próprio, senão aquilo que já estaria convencionado pelos documentos do Concílio. Entretanto, dentro da pluralidade que constitui a Igreja Católica nas diversas partes do mundo, surgem visões distintas acerca da tradição redescoberta, cada movimento eclesial se definindo de acordo com as suas próprias rotinas e em linha com a interpretação que considera legítima desta tradição redescoberta. Isso termina gerando choque entre hermenêuticas que a administração romana haverá de tentar resolver, um problema de legitimação teológica (BERGER, 2013, p. 160).

Antonio Genivaldo Cordeiro de Oliveira (2016), em sua tese de doutoramento ilustrou, de maneira brilhante, essa disputa hermenêutica travada por diferentes grupos na aplicação das propostas conciliares, onde por um lado havia o episcopado japonês se esforçando por estabelecer uma identidade autóctone da Igreja japonesa e de outro se tinha as investidas missionárias do Caminho Neocatecumenal que traziam consigo uma fórmula de transplantação religiosa típica de um *Novo Movimento Eclesial*. O embate entre o episcopado japonês e a equipe responsável pelo Caminho Neocatecumenal, em 2010, ilustra bem o choque entre dois diferentes enfoques da missão da Igreja na atualidade. O episcopado japonês tentando superar a fama corrente nas regiões de missão de que o cristianismo é uma religião de brancos europeus, defrontou-se com as ações de um grupo com ideário próprio e que atua sob os velhos moldes do antigo colonialismo missionário. Isso se evidencia à medida em que esse tipo de grupo traz consigo propostas de revitalização da Igreja sem atentar para as diferenças culturais e contextuais de cada Igreja local, vivenciadas de forma distinta daquelas enfrentadas pelo continente europeu, de onde o grupo emergiu enquanto reação à secularização. Ignora-se por exemplo que a própria secularização não é experimentada da mesma maneira pelo mundo afora. Destaca-se nesse sentido como característico do Caminho Neocatecumenal o aspecto de integrista católico, uma vez que procura em sua base discursiva reagir à crise de legitimidade da Igreja no Ocidente (OLIVEIRA, 2016, p. 277-278).

É certo que, diante dos conflitos enfrentados no Japão, evidenciou-se uma dificuldade ou mesmo resistência interna ao diálogo com as culturas locais.

É possível perceber, de antemão, que apesar da revisão do colonialismo europeu e dos avanços na reflexão missiológica pós Concílio Vaticano II, isto está distante da atuação dos movimentos que nasceram durante ou depois destes eventos. Chegar às “terras de

ninguém” e aí encontrar outros povos, outras tradições religiosas e uma “igreja implantada” embora não nos mesmos moldes europeus, continua sendo um choque para os portadores e propagadores das diferentes religiões e diversas expressões que estas adquirem nos diferentes contextos (OLIVEIRA, 2015, p.307).

Esse fechamento é de algum modo refletido na própria característica de suas catequeses, as quais, reforçando as idiosincrasias do grupo, constituem-se de um trabalho reprodutor com forte ideologia de grupo, evidenciado na propagando do itinerário nas redes sociais e em uma liderança excessivamente diretiva. O enfoque que o movimento dá ao processo catecumenal é profundamente enraizado nas narrativas bíblicas presentes na história da salvação, usando-se de meios totalmente próprios de enfatizar a conversão pessoal (LIMA, 2005). Uma abordagem que procura lançar os indivíduos em um projeto de cristandade que os transcendem e que fornecem as referências éticas e sistemas de plausibilidade que “só podem ser construídas com base em identidades coletivas”, identidades essas que seriam capazes de “contribuir para a produção de *sujeitos*, ou seja, de indivíduos que, apesar de inseridos na lógica da sociedade contemporânea e afetados por ela, estão em condições de se posicionarem *frente a* essa mesma sociedade” (SOUSA, 2013, p. 231-232).

Portanto, a questão que se coloca é como o ideário particular do grupo se harmonizaria com a renovação da Igreja brasileira e proposta pelos bispos brasileiros no que se refere à inculturação dos elementos autóctones na liturgia, tendo em vista a participação cultural do povo na liturgia da Igreja. Para responder a essa questão lançaremos mão da análise de alguns dos produtos culturais do Caminho Neocatecumenal no nordeste brasileiro, sobretudo a organização do espaço celebrativo e a sua produção músico-litúrgica, traçando um quadro comparativo com outras experiências ligadas à renovação litúrgica na região.

A Estética Litúrgica Neocatecumenal no Nordeste Brasileiro

Não se sabe ao certo desde quando o Caminho Neocatecumenal está presente em paróquias nordestinas. Assim como informações estatísticas, as atividades internas dessas comunidades são difíceis de discernir para qualquer um que não esteja inserido no grupo ou bem próximo dele. Isso se dá pelo rígido controle de informações refletido em uma hierarquia interna que procura resguardar-se das constantes críticas ao método e, sobretudo, à maneira com que implementa uma progressiva transformação estética da liturgia católica. Deste modo, pude perceber através de entrevistas frustradas, que ninguém está autorizado a falar pela ou sobre a instituição sem a anuência do seu respectivo catequista que, por sua vez, não transmitem nada que não lhes seja autorizado diretamente pela equipe responsável nacional, esta última certamente obedecendo à instância diretiva maior: a equipe responsável internacional.

Dentro desse quadro, a pesquisa acerca do impacto das comunidades neocatecumenais no seio das paróquias onde se inserem e as suas relações com outras iniciativas da vida paroquial encontra-se bastante dificultada. Mesmos os canais oficiais não oferecem dados estatísticos precisos sobre o número de comunidades no Brasil e o quantitativo de pessoas que participam, sendo necessário estabelecer correlações com base em informações colhidas nas redes sociais ou algumas entrevistas oferecidas por dirigentes a veículos de comunicação. Em uma dessas buscas, pude levantar, de modo razoavelmente seguro, que o Caminho Neocatecumenal está presente no nordeste brasileiro há pelo menos vinte anos⁵. Por meio de informações disponibilizadas nas redes sociais, foi possível colher informações acerca de sua presença em pelo menos sete dos nove

⁵ Catecumenato na Diocese de Sobral é Fruto do Concílio Vaticano II. Correio da Semana. Ano 99. n. 745. 2017, p. 5. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/000422995e6ee88ec28ea>>. Acesso em: 30/04/2020.

estados nordestinos: No Maranhão (Caxias e Aldeias Altas), no Piauí (Teresina, Cristino Castro, Bom Jesus e Parnaíba), no Ceará (Fortaleza, Guaiúba e Sobral), na Paraíba (Santa Rita), em Pernambuco (Timbaúba), em Alagoas (Palmeira dos Índios) e em Sergipe (Aracaju e Propriá). No entanto, não foi possível levantar em quais paróquias se reúnem em todas essas cidades. Essa incipiência das informações também costuma gerar desorientação até mesmo em membros do próprio itinerário que mudam de um lugar para outro do país. O fato de celebrarem algumas vezes fora das paróquias também dificulta a identificação dos locais. Apesar de estar situado em diferentes estados e sub-regiões nordestinas, cada um desses guardando processos de desenvolvimento histórico, econômico, cultural e religioso particulares, é possível notar nas celebrações neocatecumenais aspectos de uniformidade estética vinculada a sua própria identidade de grupo. Dentre os que mais chamam atenção:

a) a predominância dos ícones pintados por Kiko Arguello, que retomam a tradição iconográfica no Ocidente, com a presença de quadros e retábulos inspirados na iconografia oriental, os chamados “ícones do Caminho”;

Celebração com comunidades do Maranhão, 2016.



Fonte: Shemá Israel - Caminho Neocatecumenal. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo?fbid=566682530203420&set=pcb.566685056869834>>. Acesso em: 30/04/2020.

Encontro Vocacional do Caminho Neocatecumenal em Fortaleza Ceará, 2015.

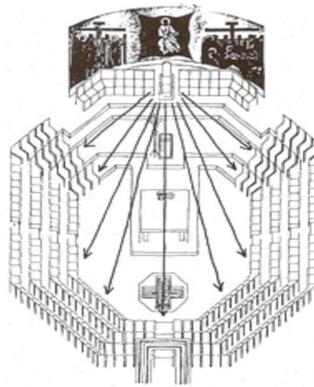


Fonte: Caminho Neocatecumenal Sobral-Ce. Disponível em:

<https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1469921609988079&id=100009107611990>. Acesso em: 30/04/2020.

b) A organização do espaço litúrgico seguindo em linha a Sede, o Ambão e a Mesa. Quando por ocasião da Vigília de Páscoa, utilizam uma adaptação própria do batistério, posto que celebram o batismo por imersão. Do alto da Sede presidencial, os sacerdotes podem ver e serem observados por toda a assembleia.

Visão da assembleia litúrgica a partir da Sede.



Fonte: Orientaciones Teológicas y Pastorales Sobre el Espacio Litúrgico (RECODER et Al, 2008, p. 17).

Esse tipo de disposição do espaço litúrgico encontra dificuldades de inserção nas paróquias mais antigas, uma vez que os seus prédios teriam que ser amplamente modificados para que estivessem de acordo com as formulações do grupo. Por isso mesmo escolhe para as celebrações mais importantes, como as passagens das fases e etapas da iniciação, assim como as vigílias de páscoa, espaços como ginásios e grandes salões, de modo a seguir o padrão Sede-Ambão-Mesa-Batistério.

Eucaristia celebrada em Parnaíba-PI, 2016.



Fonte: Grupo de Caminho Neocatecumenal - Paróquia Santuário Santa Rita – PB. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=251922408482888&set=pcb.1592945654356652>>. Acesso em: 30/04/2020.

c) Há ainda o fato característico de usar normativamente um eucolégio⁶ e uma musicalidade própria do grupo. A música no itinerário neocatecumenal mescla a criatividade litúrgica, uma vez que os textos usados são oriundos de conclusões teológicas contemporâneas (CHUPUNGCO, 1992, p.44). Cantos como *Shemá Israel*, *Dayenuh*, *Quero Andar*, entre outros, que remetem à liturgia hebraica, são resultados dos esforços conciliares por aproximar a Igreja do judaísmo através da apreciação do patrimônio litúrgico dessa tradição. Podemos dizer também que, em sua origem na Espanha, as primeiras elaborações musicais carregavam as marcas da inculturação do tipo de musicalidade folclórica presente em toda a península ibérica, permitindo que as pessoas experimentassem, naquele ambiente espanhol e italiano, as celebrações como um evento cultural em que se viam representados na liturgia (CHUPUNGCO, 1992, p. 38). Na música neocatecumenal, isso se consagrou pela inserção do uso de instrumentos como as violas (guitarra acústica), charangos⁷, derbak⁸, pandeiros, bongô, flautas de variados tipos, contrabaixo acústico,

⁶ Conjunto de textos usados em uma tradição litúrgica (AUGÉ, 1992, p. 415).

⁷ Instrumento musical de 10 cordas, ele parece uma guitarra pequena, com um tamanho aproximado de 60 centímetros. As origens do charango remontam à colonização espanhola da América. Neste período muitos

de modo que são instrumentos que unificam tradições musicais desenvolvidas na península ibérica. Devemos ter em mente que ao trazer essa musicalidade como uma fórmula fechada para o ambiente de missão, trata-se apenas de transplantação de um modelo de música exótica, em desfavor, inclusive, da nossa diversificada tradição musical e cultural. Ao reproduzir as suas músicas da mesma forma em várias partes do mundo, mudando-se apenas a língua, não favorecem na prática a implementação de uma autêntica renovação litúrgica, encarnada no contexto histórico de cada povo e de cada cultura, como propõem as Constituições *Ad Gentes* e *Sacrosanctum Concilium*.

Entendemos que a uniformidade litúrgica do Caminho Neocatecumenal, com seu projeto totalizante e a sua resistência em incorporar os elementos culturais autóctones do nordeste brasileiro, representa um desfavor ao projeto de criação de uma Igreja que carregue as características próprias do povo nordestino dentro de um processo que parece irreversível, resultado de transformações no foco da ação da Igreja Católica no Brasil nas últimas três décadas. Para compreender o processo, basta-nos periodizar o ideário da Igreja brasileira pós-Concílio Vaticano II em seus dois grandes momentos: aquele imediato, que percorre as décadas de 1970 e 1980 e o período que remonta à década de 1990 até os dias atuais.

As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pelo dinamismo dos esforços por receber e aplicar as novidades conciliares no que diz respeito à renovação das paróquias. A renovação proposta através dos bispos do Brasil possuía dois pontos fundamentais: a ênfase na formação dos membros, ajudando-os a cumprir a sua missão específica e complementar e, em segundo lugar, promover a descentralização das paróquias através das Comunidades Eclesiais de Base e das diversas modalidades de serviço pastoral (BEOZZO, 2015, p. 808). Esta renovação ficou notabilizada por assegurar a participação ativa do povo na vida litúrgica e pelas adaptações às diferentes culturas e línguas dos diversos grupos, regiões e povos. É grande a lista dos resultados desses esforços, dentre os quais se destacam a elaboração de uma arte sacra popular, os cantos das CEB's e Intereclesiais, o *Ofício Divino das Comunidades* e as missas inculturadas como a *Missa da Terra sem Males* e a *Missa dos Quilombos* (BEOZZO, 2015, p. 811). A *Pastoral da Música Litúrgica no Brasil*, publicada pela CNBB em 1976, felicitava os esforços “em valorizar a Palavra de Deus, celebrando-a nos acontecimentos da vida da comunidade e das pessoas”. Esse documento enaltece o renovador “encontro com os valores socioculturais e religiosos de nossa Música Autóctone” que, aproveitando de modo genuíno “as constantes melódicas, harmônicas, formais e rítmicas da música folclórica e popular brasileira” promovia uma “progressiva independência em relação às melodias estrangeiras” (CNBB, 1976, 1.1.7, 1.1.8, p. 205). Em se tratando de musicalidade nordestina inserida no ritual da missa, não se pode subestimar o trabalho do padre Geraldo Leite Bastos em parceria com o antropólogo José Maria Tavares, cujas pesquisas sobre a etnomúsica religiosa nordestina possibilitaram a criação de uma música litúrgica inculturada no nordeste que incorporava melodias colhidas dos folguedos e das religiões de matriz africana. (SOUZA, 2008, p. 93-94). Algumas de suas composições encontram-se no álbum *Tríduo Pascal – Na Ponte dos Carvalhos* (Paulinas-COMEPE).

A postura da Igreja Católica no Brasil começou a mudar a partir do final da década de 1980 e ao longo dos anos de 1990 adentrando o século XXI, quando começa a se processar um verdadeiro enquadramento das práticas pastorais e litúrgicas em que o tema da *Nova*

instrumentos musicais europeus vieram para a América. Disponível em: <<http://www.todosinstrumentosmusicais.com.br/conheca-o-instrumento-charango.html>>. Acesso em: 29/05/2020.

⁸ Instrumento de percussão originário dos países árabes, no Oriente Médio. O instrumento recebe diversos nomes e variações em sua estrutura, dependendo da região ou país de utilização. Disponível em: <<https://grupokaliladv.wordpress.com/para-estudo/o-derbake/>>. Acesso em: 29/05/2020.

Evangelização, sob o papado de João Paulo II, faz-se instrumento de confrontação da secularização e principalmente do avanço do pentecostalismo e neopentecostalismo sobre as camadas populares, sobretudo urbanas. Gil Filho (2006) afirma que houve por parte do episcopado brasileiro um deslocamento de discurso que manifestava o desejo de adequar a Igreja ao pluralismo religioso da década de 1990, relativizando o discurso de “opção preferencial pelos pobres” e trocando-o pelo discurso de “opção evangélica pelos pobres” (GIL FILHO, 2006). Essa reorientação discursiva continuou presente na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo, no ano de 1992, onde o tema da inculturação, embora permeasse o texto oficial, retratava uma postura no sentido de enquadrar normativamente as expressões populares do que uma abertura compreensiva. Em Santo Domingo, a Igreja latino-americana saiu “com a hierarquia reforçada, e conseqüente enfraquecimento da Igreja-Povo de Deus, e com foco mais voltado para sua missão religiosa, desviando-se de seu compromisso social das últimas décadas” (GODOY, 2015, p. 215). A mudança de paradigma em relação à inculturação fica expressa de modo claro nas seguintes palavras: “é um processo que vai do Evangelho ao coração de cada povo e comunidade com a mediação da linguagem e dos símbolos compreensíveis e apropriados *segundo o juízo da Igreja*” (CELAM, 1992, 243, grifo nosso).

José Oscar Beozzo destacou que

[...] a partir dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, o centro romano passou a atuar como freio à alegre e corajosa e inovadora aplicação de muitos dos aspectos do Concílio, estreitando o espaço, a autonomia e o protagonismo das igrejas locais. A recepção no campo da liturgia ilustra bem esses percalços (BEOZZO, 2015, p.810).

Não devemos esquecer que a década de 1990 foi a época em que o papa João Paulo II mais insistiu na sistematização da catequese neocatecumenal na forma de um estatuto, de modo que a administração central da Igreja tivesse possibilidade de controle sobre as suas rotinas e o grupo passasse a contar com o amplo reconhecimento jurídico enquanto um itinerário de formação católica (DÍAZ, 2002, p. 731). Atualmente o Caminho Neocatecumenal tem iniciado comunidades em paróquias nordestinas oferecendo identidade comum, um ambiente emocionalmente evolvente e vocação evangelizadora (SOUSA, 2013, p. 63), embora as suas idiosincrasias não tenham como referência práticas religiosas locais, guardando uma identidade católica geral e uma matriz internacional (MAUÉS, 2012, p. 873).

A estética e a prática neocatecumenal têm servindo à dupla finalidade de promover resultados missionários, sanando inclusive os problemas de escassez de vocações religiosas⁹, e ao mesmo tempo trabalhando para mudar as estruturas paroquiais de uma pastoral social para uma pastoral que retoma todo um caráter de espiritualidade mística anteriormente pouco enfatizada, reforçando a autoridade das chamadas *forças de conservação*, em detrimento de uma espiritualidade que brota da vida em sua dimensão mais concreta.

Conclusões

Os *Novos Movimentos Eclesiais* se rotinizaram por meio de suas próprias idiosincrasias e passaram por um processo de enquadramento institucional iniciado, sobretudo a partir da década de 1990. Uma vez definido por um estatuto, o Caminho Neocatecumenal vem servindo, há várias décadas, aos interesses da Cúria romana à medida que sua identidade de grupo se volta ao

⁹Fortaleza sedia encontro de preparação à Jornada Mundial da Juventude 2016 com jovens do Norte e Nordeste. “45 rapazes se levantaram dispostos à vida sacerdotal e 40 moças para a vida religiosa em conventos de clausura”. Fonte: <<https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/fortaleza-sedia-encontro-de-preparacao-a-jornada-mundial-da-juventude-2016-com-jovens-do-norte-e-nordeste/>>. Acesso em: 22/05/2020

combate à perda da relevância da Igreja Católica na sociedade contemporânea. Dentro desse processo, o grupo se notabiliza pela oferta de um modelo estético próprio, que não se adapta e nem absorve as contribuições das várias culturas nas quais desenvolvem atividades missionárias.

Após se deparar com a crescente perda de adeptos, a Igreja Católica no Brasil passou a mudar a sua postura perante o cenário religioso brasileiro, diminuindo o discurso anterior de abertura compreensiva às diversas culturas locais e de promoção humana como sendo a principal preocupação e passando a encorajar as atividades dos grupos carismáticos como forma de conter o avanço do pentecostalismo, assumindo um caráter abertamente proselitista através dos vários movimentos dessa natureza, dentre os quais pode ser inserido o Caminho Neocatecumenal. Dentro desse processo, típico das disputas por espaço no multifacetado mercado religioso atual, o projeto pós-Conciliar de criação de Igrejas locais com suas próprias características, em se tratando de um país de dimensões continentais como o nosso, ficou adiado e com poucas chances de que será amplamente retomado num futuro próximo.

Referências

Livro:

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo. Paulus, 2013.

CHUPUNGCO, Anscar. *Liturgias do Futuro*: processos e métodos de inculturação. São Paulo. Paulinas, 1992.

LIMA, Luiz Alves de. *A Catequese do Vaticano II aos Nossos Dias*: a caminhada de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo. Paulus, 2016.

PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II*: Reflexão sobre um carisma em curso. São Paulo. Paulus, 2014.

RECODER, Jacob Bellido. *Orientaciones Teológicas y Pastorales sobre el Espacio Litúrgico*. Barcelona. 6ª Comunidad Neocatecumenal de Santa Joaquina de Vedruna, 2008.

SOUSA, Ronaldo José de. *Comunidades de Vida*: panorama de um fenômeno religioso moderno. Aparecida. Editora Santuário, 2013.

VICENTE, Andrés Fuentes. *O Caminho Neocatecumenal*: uma iniciação cristã. Porto. Perpétuo Socorro, 1998.

Fontes Documentais:

CELAM. *IV Conferência do Episcopado Latino-americano*: nova evangelização, promoção humana e cultura cristã. Santo Domingo, 1992. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUII20130906182510.pdf>. Acesso em: 20/05/2020.

CNBB. Pastoral da Música Litúrgica no Brasil, 1976. In: *Documentos sobre a Música Litúrgica (1903-2003)*. São Paulo. Paulus, 2017.

NEOCATECHUMENALE ITER STATUTA. *Estatuto Oficial do Caminho Neocatecumenal*. Brasília. Centro Neocatecumenal, 2009.

Dicionários:

AUGÉ, Matias. EUCOLOGIA. In: *Dicionário de Liturgia*. Domenico Sartore e Achille M. Triacca (Org.). Isabel Fontes Leal Ferreira (Trad.). São Paulo. Paulinas, 1992.

BEOZZO, José Oscar. RECEPÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II NA IGREJA DO BRASIL. In. *Dicionário do Vaticano II*. João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches (Coord.). São Paulo. Paulus/Paulinas, 2015.

GODOY, Manoel de. CONFERÊNCIAS GERAIS DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. In. *Dicionário do Vaticano II*. João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches (Coord.). São Paulo. Paulus/Paulinas, 2015.

Artigo:

DÍAZ, Jesús Bogarín. La institucionalización del camino neocatecumenal. Comentario a sus estatutos. *Revista Española de Derecho Canónico*. v. 59, n. 153. Universidad Pontificia de Salamanca, 2002.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Estruturas da Territorialidade Católica no Brasil. *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. v. 10, n. 205. Universidad de Barcelona, 2006.

LIMA, Luiz Alves de. *Metodologia: considerações sobre o itinerário catecumenal*. Montevideu. 2005. Disponível em: <<http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/24-13/Metodologia.html>>. Acesso em: 30/01/2019.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Movimentos eclesiais católicos e modernidade: uma igreja em transformação. *Revista de Antropologia*. v. 55. n. 2. USP, São Paulo, 2012.

MELO, Maria Diéguez. La Expresion Artística como Transfondo de la Fé. La “nueva estética” del caminho neocatecumenal. In. *Mirando a Clio. El Arte Español Espejo de su Historia*. p. 1096-1103. Actas del XVIII Congresso CEHA. Universidade de Santiago de Compostela, 2010.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 13, n. 37, p. 43-73. 1998.

Teses e Dissertações:

OLIVEIRA, Antonio Genivaldo Cordeiro de. *Sementes Inesperadas de Um Jardim (des)Encantado. A Construção Político-ecclesial da Identidade de Igreja Local no Japão: Um Estudo a Partir do Conflito com o Caminho Neocatecumenal*. 354f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.

SOUZA, Joaquim Fonseca de. *Música Litúrgica e Inculturação. Análise teológico-litúrgica da música litúrgica inculturada no Nordeste Brasileiro através de constâncias modais, verificadas no repertório litúrgico do tríduo pascal do compositor Geraldo Leite Bastos*. 188f. Dissertação (Mestre em Teologia Dogmática com Especialização em Liturgia). Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo. São Paulo, 2008.